



Alice Neel, *Self-Portrait*, 1980

© The Estate of Alice Neel

# ALICE NEEL HOT OFF THE GRIDDLE

Retratos  
extraordinários  
e vitais  
compõem  
a retrospectiva  
da artista na  
Barbican  
Art Galery,  
Londres

Maria Hermínia Donato

*Visitar exposição recém-inaugurada num sábado frio pela manhã é uma experiência para não ser repetida com frequência. A exposição Alice Neel Hot Off the Griddle, na Barbican Art Galery – maior exposição do Reino Unido da artista americana – estava cheia de famílias e indivíduos ansiosos para ver as pinturas que estão recebendo grandes elogios na mídia. E, mesmo com o espaço cheio, nada interferiu no impacto que suas obras produziram em mim: UAU!*

A exposição cronológica de Alice Neel ocupa os dois andares da galeria, mostrando a compreensão da artista de como olhamos para os outros e o que é se sentir visto. Em sua longa carreira, ela pintou todos: radicais negros, acadêmicos, comunistas, intelectuais, amantes, queers, famílias e crianças latinas do Harlem espanhol e Cuba. Por celebrar em suas pinturas as comunidades marginalizadas ficou conhecida como a pintora da corte do Underground.

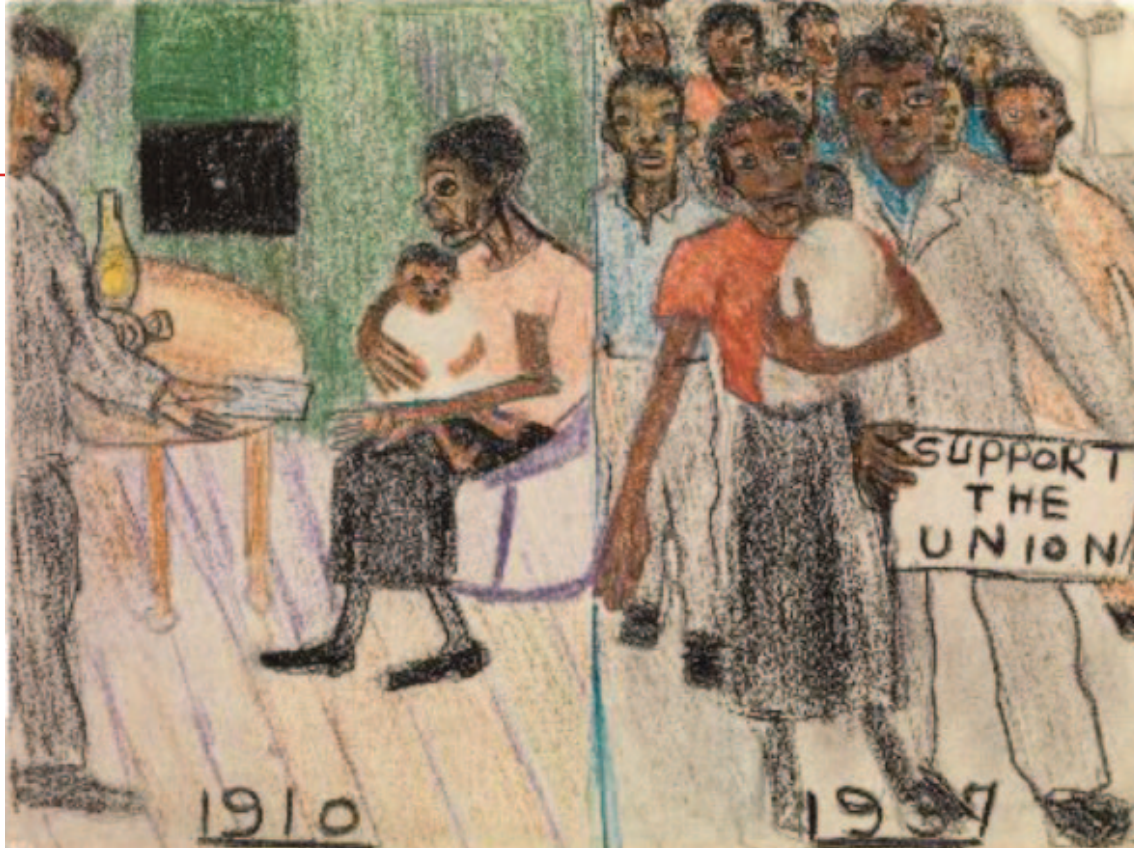
Seu método de trabalho era conversar, conversar e conversar até que a pessoa inconscientemente assumisse sua pose mais característica, revelando assim o que o mundo tinha feito com eles e sua retaliação. Era uma humanista radical e fervorosa promotora de justiça social.

Alice Neel era excêntrica e não conformista. Desde muito cedo sabia que seria artista. Nascida em 1900, Neel foi criada em Colwyn, Pensilvânia (segundo ela uma cidade sem cultura); o pai era contador da Penn-



Alice Neel, *Benny and Mary Ellen Andrews*, 1972  
© The Estate of Alice Neel





Alice Neel, *Support the Union*, 1937

© The Estate of Alice Neel

*sylvania Railroad*, e sua mãe dizem ser descendente de Richard Stockton, um dos signatários da Declaração de Independência.

Neel era uma garota sensível, um pouco ansiosa, sabia que a pintura seria uma porta de entrada para a vida e um lugar onde ela poderia ser ela mesma, sem a expectativa e as restrições impostas pela sociedade. Foi estudar no *Philadelphia School of Design for Women* e se apaixonou pelo artista cubano Carlos Enriquez Gomez durante um curso de arte em Chester Springs. Casaram e foram morar em Havana.

Juntos fizeram exposições em Cuba, obtendo sucesso com suas obras. Em 1926, tiveram uma filha que morreu de difteria. O casal seguiu viajando com frequência entre Cuba e América, até se estabelecer in Greenwich

Village, onde nasceu a segunda filha, levada pelo pai à Havana para viver com suas irmãs, enquanto ele e Neel iriam viver em Paris. Mas ele vai sozinho e deixa a esposa sofrendo um colapso nervoso em consequência da traição, perda das filhas e do abandono.

### A FORÇA DA ARTE

A arte foi a mola propulsora para a recuperação da artista. Em 1931 pintava *beatniks* e boêmios, e preferia retratar momentos íntimos e corpos nus. O retrato de Joe Gould, um personagem do bairro, só foi mostrado em público quatro décadas depois e até hoje é banido pelo Google. Alice Neel pintava o que via no outro, sem subterfúgios e com muita coragem e destemor.

*“Quanto às pessoas que querem pinturas lisonjeiras de si mesmas, mesmo que eu quisesse, eu não saberia o*

*que é lisonja”, escreveu Neel em 1976. “Para mim, como Keats\*” disse, “beleza é verdade, verdade, beleza ... Eu pinto para tentar revelar a luta, a tragédia e a alegria da vida.” (\*poeta John Keats)*

Neel persistiu retratando as pessoas e o mundo ao seu redor enquanto Expressionismo Abstrato, Pop e Minimalismo eram os movimentos de arte do momento, o que contribuiu para o seu anonimato até os anos 60.

*...“Suas pinturas foram uma colaboração, um derramamento de energia de ambos os lados – do sitter e do artista. Isso foi muito incomum, na época e agora – tantos artistas estão tão maravilhosamente investidos em seu ‘eu’ que sentem que o mundo desapareceria se não fosse por isso. Neel, por outro lado, acreditava que o mundo existia em seus próprios termos, e que era nosso dever – como cidadãos e como artistas – saber o máximo possível sobre ele (mundo), a fim de viver melhor e navegar nele. ...os retratos de Neel parecem dizer que o mundo não precisa do nosso sentimentalismo, mas do nosso interesse e empatia....”, escreve Hilton Als para a revista *New Yorker* em 2017. O catálogo da exposição tem uma carta escrita por ele à Alice Neel.*

Alice nunca trabalhou em um espaço de estúdio, montava seu cavalete na sala, convidava amigos e pessoas que via na rua para posar e conversar. Na exposição, os extraordinários trabalhos de Neel são mostrados ao lado de material de arquivo da época, incluindo fotografias, cartas e filmes.

### **BLACK DRAFTEE (JAMES HUNTER), 1965**

O rosto de James Hunter pintado detalhadamente tem uma expressão distante, pensativa. Ele está sentado na cadeira listrada muito presente nos retratos de Neel. Só vemos o contorno do seu corpo, a pintura inacabada é uma metáfora representando todos os soldados convocados para a guerra do Vietnã e a incerteza do porvir. O soldado retornou aos Estados Unidos mas não voltou a posar para Neel.



Alice Neel, *Black Draftee (James Hunter)*, 1965  
© The Estate of Alice Neel

**ANDY WARHOL, 1970**

Em 1970 Andy Warhol pede à Neel um retrato mostrando suas cicatrizes. O homem que cunhou a expressão “*um minuto de fama*”, que controlava sua aparência com perucas e outros subterfúgios de disfarce, se desnuda e mostra uma vulnerabilidade jamais vista em nenhuma outra obra sobre ele. Alice Neel imortaliza o ícone da arte do século 20 em seu momento íntimo e vulnerável, porém retratado com dignidade pela empatia e respeito da artista.



Alice Neel, *Andy Warhol*, 1970 © The Estate of Alice Neel

**CARMEN E JUDY, 1972**

Carmen era sua vizinha; a filha, Judy, tinha complicações de saúde desde o nascimento (ela morre um pouco depois do quadro ser pintado). Ela permitiu que Neel a pintasse amamentando a filha pela intimidade que as duas tinham e talvez pela empatia de uma mãe que também teve uma filha doente. Na obra, Carmen está olhando na nossa direção e na da artista, suas mãos com ternura seguram a mão do bebê doente, cansada mais firme. A atenção aos detalhes é para mim um dos fortes de Neel. Os gestos, o olhar, as minúcias das roupas são quase palpáveis. A atenção está no retrato das personagens, o resto da pintura, muitas vezes inacabada, é proposital para que o foco seja sempre o sujeito(s). O que importa.

Alice Neel, *Carmen and Judy*, 1972

© The Estate of Alice Neel





### MARGARET EVANS PREGNANT, 1978

A gravidez aparece em alguma de suas pinturas. Nessa, Margaret está grávida de gêmeos, jovem e apreensiva. Sentada numa pequena cadeira amarela que enfatiza o tamanho de sua barriga com sua forma irregular e também dá uma sensação de desconforto para o seu corpo. No espelho, atrás da cadeira, vemos um reflexo mais velho, mais calmo de Margaret (ou será Neel?).



Alice Neel, *Margaret Evans Pregnant* 1978  
© The Estate of Alice Neel

Alice Neel teve quatro filhos; gravidez para ela era um fato básico da vida, parte da experiência humana. Dizia que pintores modernos evitaram sua representação

porque mulheres eram representadas como objetos sexuais. *“A mulher grávida tem uma reivindicação: ela não está à venda”*, disse a artista numa entrevista.

Em 1974, depois de várias décadas nas margens do mundo da arte, seus retratos foram atrasadamente reconhecidos pelo *Whitney Museum* de Nova Iorque. Hoje, Alice Neel é uma figura de culto, uma feminista, boêmia e conhecida ativista social.

Aos 80 anos, concluiu seu primeiro e único autorretrato nu – levou cinco anos para terminar. Sentada em sua cadeira de listras azuis e branco, em uma das mãos segura o pano alvo com que limpa seus pincéis e retoca detalhes na tela, quem sabe uma representação de paz na aceitação da idade. Na outra, segura um pincel, seu instrumento de vida afirmando sua dedicação invencível ao seu trabalho.

A coragem desse retrato, de se permitir ser artista e *sitter*, revelando seu corpo envelhecido e bravamente conquistando a espera dos cinco anos, materializa ali a presença de toda a sua glória.

Com o passar dos anos, Alice Neel ligava para os amigos e exclamava: *“Ainda estou viva”*.

Ouvi o eco desta frase na saída da exposição.

### SERVIÇO

#### Exposição *Alice Neel: Hot Off The Griddle*

Barbican Art Gallery, Londres

<https://www.barbican.org.uk/AliceNeel>

Até 21 de maio